

DESASTRES: NATUREZA OU SOCIEDADE?¹

CUNHA SOUZA, Mariana Cristina²

Recebido (Received): 28-11-2018 Aceito (Accepted): 26-04 -2019

DOI:

Lucí Hidalgo Nunes é professora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Tem experiência em temas relacionados aos fenômenos climáticos, como os extremos e os seus possíveis impactos no meio urbano, os desastres naturais e a percepção ambiental. Neste livro, de base científica, a autora aborda a articulação entre os processos sociais contemporâneos da urbanização e globalização enquanto promotores e indutores de desastres naturais.

É importante mencionar que a autora usa como sinônimos os conceitos de desastres, catástrofes e calamidades para se referir aos eventos de origem hidrometeorológica, climática, geofísica e biológica, que causam perdas e danos para a sociedade. Ela compreende esses eventos como uma construção social. Na medida que o espaço é produzido, eles refletem a desarticulação entre a organização social e os processos naturais.

A análise de dados referentes aos 863 registros de desastres naturais, na série histórica de 1960 a 2009, está centrada nos países sul-americanos: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela, Suriname e Guiana Francesa (departamento ultramarino da França). As informações utilizadas foram obtidas no *International Disaster Database* (EM-DAT). “Para que um evento integre esse banco, ele deve ter causado dez ou mais vítimas fatais, e/ou cem ou mais afetados, e/ou declaração de estado de emergência, e/ou chamada de assistência internacional” (p. 49).

A autora sustenta que nessas nações a relação urbanização-globalização-desastres naturais seria direta, pois são economias integradas ao mercado globalizado que não vivenciam um aumento do seu protagonismo no cenário das decisões mundiais. Além disso, sofrem com as pressões externas que resultam em modificações drásticas em seus espaços produtivos. Nesses países, as condições socioespaciais observadas nas cidades são representativas desse

¹ Resenha crítica desenvolvida na disciplina *Oficina de Escrita Científica*, cursada durante o doutoramento, no 2º semestre de 2018.

² Professora de ensino superior na Faculdade de Tecnologia (FATEC) de Presidente Prudente - SP e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da UNESP de Presidente Prudente – SP. E-mail: mccunhasouza@hotmail.com/mariana.souza33@fatec.sp.gov.br

processo e denotam o descomprometimento com os aspectos de ordem local. Ou seja, as adaptações dos espaços produtivos obedecem, acima de tudo, as demandas supranacionais.

Assim sendo, a relação entre globalização, urbanização e ambiente comparece acompanhada dos elevados índices de pobreza, dos baixos níveis de escolaridade, da degradação socioambiental, da falta de infraestrutura básica e políticas públicas insuficientes, o que implica no aumento da suscetibilidade aos desastres.

Os desastres naturais sempre fizeram parte da história humana em escalas de tempo mais curtas ou mais longas. Logo, no primeiro capítulo, “Os desastres naturais”, a autora discute como o descompasso entre a dimensão natural e social tem acelerado e ampliado a ocorrência dos desastres.

É interessante verificar que, ainda hoje, apesar de todo o avanço tecnológico e conhecimento científico que permitem conhecer os desastres naturais e até mesmo prevêê-los, o ser humano não está preparado para lidar com a variabilidade dos fenômenos naturais. Isso contrasta com a sua capacidade de alterar e gerenciar as condições de vida no planeta. Por isso, a vulnerabilidade e a resiliência dos lugares frente às consequências dos desastres naturais, podem estar mais relacionadas às formas como acontece a ocupação do espaço do que à magnitude do fenômeno desencadeador.

Exemplificando, os extremos de temperatura geralmente acompanhados da diminuição da umidade do ar, podem provocar incêndios e acarretar doenças diversas na população. Por outro lado, a presença dos materiais construtivos urbanos que tendem a absorver energia e a remoção da cobertura vegetal no solo - práticas que deflagram nas ilhas de calor, também contribuem para o aumento das temperaturas nas áreas densamente construídas e ocupadas.

É o caso dos dados apresentados pela autora demonstrando que nas duas últimas décadas, de cada cinco desastres naturais no mundo, dois foram inundações. Todavia, nos lugares onde as inundações ocorreram com maior frequência, não ocorreu o crescimento proporcional da precipitação. Para Nunes, esse fato expõe como as alterações no ambiente têm contribuído, sobremaneira, para a maior frequência e magnitude dos eventos e dos prejuízos desencadeados por eles.

A situação é ainda mais calamitosa quando se observa que a maior parte da população residente nos países sul-americanos vive em moradias precárias e em locais ambientalmente frágeis, nos quais a infraestrutura e os serviços são deficientes. Nas cidades médias e pequenas, o número de desastres naturais tem sido mais expressivo porque o ritmo de crescimento urbano é acelerado.

No segundo capítulo, “A América do Sul em Perspectiva”, demonstra-se o que é discutido na primeira parte do livro. A autora apresenta um panorama das nações sul-americanas, em termos de suas características físicas e da evolução dos processos de transformação do espaço, no sentido de revelar como eles induzem os desastres naturais.

De forma objetiva, ela traz para a discussão a questão da sociedade do consumo na economia globalizada, que acentua as diferenças regionais. Para complementar as suas análises, a autora utiliza dados sobre a escolaridade, o Produto Interno Bruto (PIB) e a longevidade da população, constituindo-se em fatores que contribuem para qualificar as interpretações sobre os desastres naturais. Ela constata que em países democráticos e com PIB mais alto, o número de fatalidades causadas por desastres naturais é menor.

A principal tese defendida por Nunes é a de que na América do Sul, o crescimento do registro de desastres naturais está associado ao processo da urbanização e à desarticulação socioespacial dos países em um contexto de economias globalizadas. Além de afetar mais diretamente os grupos sociais economicamente menos favorecidos, os desastres naturais são um impedimento para o desenvolvimento efetivo dessas nações, pois eles têm sido crescentes e têm comprometido o progresso econômico.

É no terceiro capítulo denominado “Os desastres Naturais na América do Sul” que a autora apresenta os dados para comprovar a sua tese, evidenciando a evolução dos desastres nos países sul-americanos e identificando tendências. Ela apresenta informações referentes à evolução temporal, ao número de ocorrências calamitosas, aos óbitos causados, às pessoas afetadas e aos prejuízos econômicos decorrentes dos desastres naturais nos países analisados.

O risco de desastres naturais é elevado em toda a América do Sul. Mesmo que haja conhecimento de que a probabilidade de catástrofes naturais é iminente, existem limitações no que se refere ao preparo das nações, no processo de organização das informações sobre os desastres e no enfrentamento dos fenômenos desencadeadores, contribuindo para potencializar as suas consequências danosas.

Nunes esclarece, por exemplo, que no panorama dos desastres naturais da América do Sul (1960 a 2009) foram utilizados somente os dados disponibilizados pela EM-DAT, cuja sistematização iniciou-se em 1988. Esse esclarecimento é relevante porque, conforme salienta a autora, existem deficiências a respeito da precisão das informações disponibilizadas. Uma delas, relaciona-se à categorização dos tipos de desastres nesse banco.

Outra lacuna observada pela autora, diz respeito às inconsistências informativas sobre as perdas causadas por epidemias, revelando a deficiência dos dados e não necessariamente a

inexistência de prejuízos causados por catástrofes biológicas. Dessa forma, custos com os tratamentos médicos e perda de vidas em população jovem ou economicamente ativa são ignorados, gerando uma perspectiva inexata desse parâmetro.

Na América do Sul, quase 80% das catástrofes e dos prejuízos econômicos analisados foram de origem hidrometeorológicos e climáticos; eles responderam também por 88% dos afetados. Analisadas tendencialmente, as catástrofes hidrometeorológicas e climáticas são as que cresceram expressivamente nas décadas investigadas.

Os fenômenos geofísicos (especialmente os terremotos - de alta imprevisibilidade e mais típicos em nações andinas) mantiveram-se quantitativamente estáveis. Entretanto, juntamente com os desastres biológicos, foram os que causaram muito mais mortes. No nível dos episódios individuais, os mais comuns e que provocaram mais perdas econômicas foram as inundações, mas as secas atingiram mais pessoas, ainda que tenham causado poucos óbitos.

A autora encaminha-se para a parte final do livro, “Conclusões,” ressaltando a necessidade de empenho dos governos no entendimento dos padrões e das tendências socioespaciais dos desastres. Ela chama atenção para a carência de políticas públicas efetivas em relação à sistematização das informações sobre esses eventos, no contexto das nações sul-americanas, com foco na escala da cidade, *locus* da concentração populacional.

Para a autora, as políticas públicas devem ajudar a combater e minimizar de maneira duradoura as consequências dessas catástrofes, promovendo o bem-estar social e econômico da população.

Nesse sentido, este livro de Nunes traz grandes contribuições para graduandos, pós-graduandos e docentes da geografia e áreas afins, que queiram se inteirar sobre os desastres naturais, a sua ocorrência, a sua gênese e as suas possíveis consequências. Apesar de o livro apresentar uma abordagem caracteristicamente quantitativa, tendo em vista o conjunto de dados trabalhados e detalhadamente organizados em tabelas e figuras, não compromete a sua importância. Ao contrário, as questões levantadas pela autora possibilitam o entendimento e a compreensão de como a urbanização e a expansão das cidades no contexto da economia globalizada podem deflagrar desastres naturais, já que a dimensão local em consonância com a global não tem sido considerada na produção do espaço no continente sul-americano.

Referência

NUNES, Lucí Hidalgo. *Urbanização e desastres naturais, abrangência América do Sul*. São Paulo: Oficina de Textos, 2015. 112 p. ISBN: 978-85-7975-179-0.